

## A ESCRITA-BORDADO DE JOÃO CÂNDIDO E SUAS REPERCUSSÕES SOCIOCULTURAIS

### *JOÃO CÂNDIDO'S EMBROIDERY-WRITING AND ITS SOCIOCULTURAL REPERCUSSIONS*

Fernanda Franco Caro<sup>1</sup>

Luisa Paraguai<sup>2</sup>

#### Resumo

O texto apresenta interrelações entre o Design de Moda e Artes a partir dos bordados de João Cândido, líder da Revolta da Chibata em 1910, buscando compreender primeiramente a técnica do bordado (Silva e Menezes, 2021) e os impactos socioculturais para em seguida apresentar o projeto "Histórias Bordadas" (2022), quando bordadeiras regionais foram convidadas a conhecer a história do Almirante Negro e em seguida bordar um livro-manifesto biográfico. Assim, parte-se da escrita-bordado de João Cândido enquanto um constructo sociopolítico – um "bordado de oposição" (Cintra e Mesquita, 2021), que inspira e potencializa perspectivas outras de contar histórias, na medida em que o marinheiro borda enquanto escreve um manifesto político, escreve enquanto borda uma narrativa coletiva.

**Palavras-chave:** Design de Moda e Artes; Bordado e modos de escrita; João Cândido.

#### Abstract

The text explores the interrelationships between Fashion Design and the Arts, based on João Cândido's embroideries, leader of the 1910 Chibata Revolt, aiming first to understand the embroidery technique (Silva and Menezes, 2021) and its sociocultural implications. It then presents the project "Embroidered Stories" (2022), in which regional embroiderers were invited to learn about the story of the Black Admiral and then create a biographical manifesto-book through embroidery. Thus, João Cândido's writing-embroidery is used as a sociopolitical construct – an "embroidery of opposition" (Cintra and Mesquita, 2021), which inspires and enhances other perspectives of storytelling, as the sailor embroiders while writing a political manifesto, writes while embroidering a collective narrative.

**Keywords:** Fashion Design and Arts; Embroidery and modes of writing; João Cândido.

#### 1. Introdução: o marinheiro João Cândido e seus bordados

No contexto das interrelações entre Design de Moda e Artes, compreende-se o bordado como exercício projetual e modo expressivo da cultura, um fazer histórico-social que explora e guarda

---

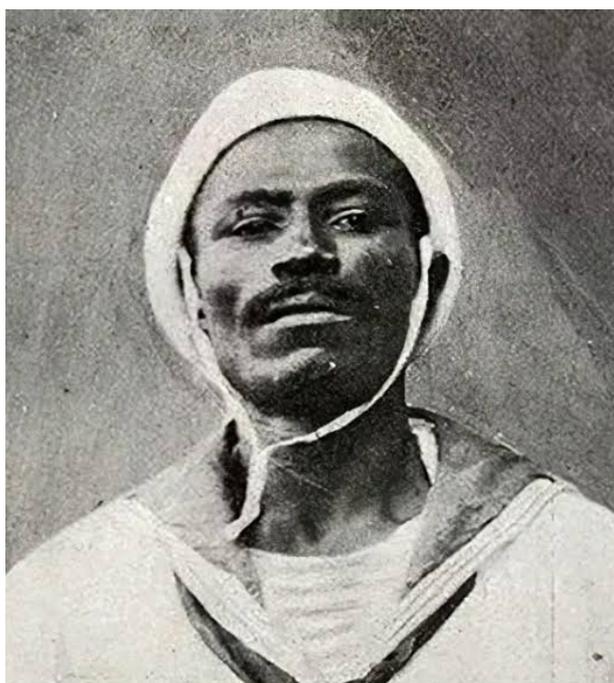
<sup>1</sup> Graduanda em Design de Moda, Escola de Arquitetura, Artes e Design da PUC-Campinas, Campinas, SP, Brasil. E-mail: fernandafcaro@gmail.com.

<sup>2</sup> Pesquisadora e Docente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Escola de Arquitetura, Artes e Design da PUC-Campinas, Campinas, SP, Brasil. E-mail: luisa.donati@puc-campinas.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3886-8118>

em sua manualidade e materialidade práticas e técnicas, costumes e procedimentos. Assim, toma-se como estudo de caso os bordados de João Cândido, que se valem de materiais — linhas, agulhas e tecidos, para mobilizar/operacionalizar aspectos formais e simbólicos da escrita em uma narrativa de sua própria história. Neste sentido, consideramos como objetivo do texto apontar as possibilidades do bordado para além do uso e do consumo como artefato, enfatizando sua dimensão de significação sociocultural.

Assim, para compreender o contexto dos bordados de João Cândido, primeiramente retoma-se sua história e o período da Revolta da Chibata, que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro. No dia 22 de novembro de 1910, estoura um movimento dos marinheiros que lutavam por mais direitos, entre eles o fim do castigo por chibata. É importante apontar que a Marinha brasileira, nesse período, era considerada uma punição para filhos rebeldes ou uma obrigação para detentos, que, por conta do baixo número de alistamento, eram chamados para suprir os cargos de baixas patentes. João Cândido Felisberto (Figura 1), homem negro filho de escravizados, nasceu no ano de 1880 no estado do Rio Grande do Sul. Aos quinze anos, iniciava sua carreira na Marinha Brasileira, quando foi indicado por Alexandrino de Alencar, Delegado da Capitania do Porto, para ingressar na escola de aprendizes da Marinha (Morel, 2009).

**Figura 1: Fotografia de João Cândido**



Fonte:

[https://www.portalolavodutra.com.br/materia/quem\\_e\\_joao\\_candido\\_e\\_por\\_que\\_o\\_comandante\\_da\\_marinha\\_nao\\_quer\\_que\\_ele\\_seja\\_heroi\\_da\\_patria](https://www.portalolavodutra.com.br/materia/quem_e_joao_candido_e_por_que_o_comandante_da_marinha_nao_quer_que_ele_seja_heroi_da_patria).

O Almirante Negro, como era chamado João Cândido, conforme as funções que lhe eram permitidas e designadas, conseguiu se tornar um dos melhores navegadores de seu tempo, apesar da baixa patente. Além dos conhecimentos de vela, também foi alfabetizado, ainda que com dificuldades na escrita. Esse conhecimento não era comum entre os homens negros da época.

Por conta de sua baixa patente, quando em alto mar, era muitas vezes responsável pelas funções de costura, que em terra firme seriam sempre designadas a um papel feminino. "Muitos

marinheiros costuraram e bordaram suas roupas e acessórios. Uma de suas habilidades, previstas ou adquiridas, deveria ser a costura, devido às velas e à própria necessidade de cuidar de suas roupas” (Jeha, 2011, p. 217). Foi assim que Cândido, remendando uniformes e bordando insígnias, escolheu mais tarde se expressar através das linhas (Morel, 2009).

Esse período da vida de João deu-se muito próximo a importantes capítulos da história brasileira: a abolição da escravidão em 1888 e a proclamação da República em 1889. Essas duas grandes mudanças formavam um cenário nacional muito delicado, sem, no entanto, gerar mudanças na vida dos ex-escravos, como chances justas para construir suas vidas em liberdade, como também para muitos marinheiros e recém-libertos.

Em decorrência desse contexto, a Marinha foi uma das instituições que mantinha os hábitos herdados da época colonial e escravocrata. Mas, em 1910, os marinheiros de baixa patente, com João Cândido no papel de líder, buscaram com as próprias mãos promover as mudanças necessárias. A Revolta da Chibata ficou conhecida por esse nome pois uma das principais motivações foi a indignação contra os castigos corporais ainda utilizados como forma de punição à insubordinação. Em viagem a outros países, principalmente para a Europa, a fim de conhecer novas tecnologias náuticas, os marinheiros perceberam que o uso de chibata não era uma prática comum. Entre outras reivindicações estava também o aumento do soldo. A noite de 22 de novembro na cidade do Rio de Janeiro foi marcada pelo início da Revolta. Um dos marinheiros de baixa patente, Marcelino Rodrigo Menezes, foi punido com duzentos e cinquenta chibatadas, chegando a desmaiar. Seus colegas, ao assistirem à cena, tomaram uma importante decisão: naquela noite, todos os comandantes deveriam se submeter aos revoltosos ou deixar o navio Minas Gerais.

Francisco Dias Martins, mais conhecido por Mão Negra, é outro nome importante nessa revolução. O próximo passo após o controle total do navio foi comunicar ao Presidente Hermes da Fonseca as reivindicações e os termos aos quais se davam o conflito através de uma carta:

Ilmo. e Exmo. Sr. presidente da República Brasileira, Cumpre-nos, comunicar a V.Excia. como Chefe da Nação Brasileira: Nós, marinheiros, cidadãos brasileiros e republicanos, não podendo mais suportar a escravidão na Marinha Brasileira, a falta de proteção que a Pátria nos dá; e até então não nos chegou; rompemos o negro véu, que nos cobria aos olhos do patriótico e enganado povo. (...) Reformar o Código Imoral e Vergonhoso que nos rege, a fim de que desapareça a chibata, o bolo, e outros castigos semelhantes; aumentar o soldo pelos últimos planos do ilustre Senador José Carlos de Carvalho, educar os marinheiros que não tem competência para vestir a orgulhosa farda, mandar por em vigor a tabela de serviço diário, que a acompanha (Revista Insurgência, 2019, p.224).

Hermes Rodrigues da Fonseca, Presidente da República entre os anos de 1910 e 1914, estava no cargo há poucos dias quando a movimentação dos marinheiros ocorreu. Tendo uma campanha eleitoral marcada pela crise na Política do Café com Leite, era essencial que, nesse período frágil de início de mandato, seu poder fosse reafirmado, e uma revolta, tão logo, só poderia ser menos benéfica para sua imagem se bem controlada e não cedesse aos pedidos.

Após dias de tentativas e planejamentos para que a revolta chegasse ao fim sem maiores danos, foi decidido anistiar os envolvidos e acatar imediatamente os pedidos contidos na carta. Para a grande parte dos revoltosos, como para João Cândido, o fim foi satisfatório, e desejavam logo retornar às suas posições, porém, para uma pequena minoria, após alguns de seus colegas serem dispensados de seus serviços, a insatisfação ressurgiu. Apenas alguns dias depois, uma nova revolta se formou. Logo um novo fim também chegou, mas desta vez muito diferente do primeiro. A punição veio para aqueles envolvidos não só na segunda revolta, mas também na primeira. A grande parte dos homens foi reunida e embarcada em um navio destinado ao Norte

do país, o Satélite.

A viagem tinha condições parecidas às de navios negreiros, com precariedade de higiene, alimentação ou qualquer cuidado básico com os marinheiros, alguns falecendo por esses motivos e outros após serem fuzilados e jogados ao mar. O Almirante Negro teve um destino diferente. Acompanhados de outros dezessete de seus colegas, considerados os mandantes da revolta, foram levados para a Ilha das Cobras. Trancados em pequenas celas, esses homens passaram dias presos injustamente, com condições não muito diferentes daquelas levadas ao Satélite. Os pequenos espaços possuíam pouca ventilação e sofriam com as altas temperaturas, o que fez com que um dia o cal utilizado para a higienização evaporasse e sufocasse os marinheiros presos nos cárceres. Desses dezessete homens que serviam à pátria, somente dois sobreviveram à situação, João Cândido e um colega.

A prisão era pequena e as paredes estavam pichadas. A gente sentia um calor de rachar. O ar, abafado. A impressão era de que estávamos sendo cozinhados dentro de um caldeirão. Alguns, corroídos pela sede, bebiam a própria urina. Fazíamos as nossas necessidades num barril que, de tão cheio de detritos, rolou e inundou um canto da prisão. A pretexto de desinfetar o cubículo, jogaram água com bastante cal. Havia um declive e o líquido, no fundo da masmorra, se evaporou, ficando a cal. A princípio ficamos quietos para não provocar poeira. Pensamos resistir os seis dias de solitária, com pão e água. Mas o calor, ao cair das 10 horas, era sufocante. Gritamos. As nossas súplicas foram abafadas pelo rufar dos tambores. Tentamos arrebentar a grade. O esforço foi gigantesco. Nuvens de cal se desprendiam do chão e invadiam os nossos pulmões, sufocando-nos. A escuridão, tremenda. A única luz era, um candeeiro a querosene. Os gemidos foram diminuindo, até que caiu o silêncio dentro daquele inferno, onde o Governo Federal, em quem confiamos cegamente, jogou 18 brasileiros com seus direitos políticos garantidos pela Constituição e por uma lei votada pelo Congresso Nacional. Quando abriram a porta, já tinha gente podre (Morel, 2009, pp. 181-182).

**Figura 2: João Cândido. Amôr [Love], c. 1910-1911. Coleção [collection]: Museu Municipal Tomé Portes del Rei, São João del Rei, MG.<sup>3</sup>**



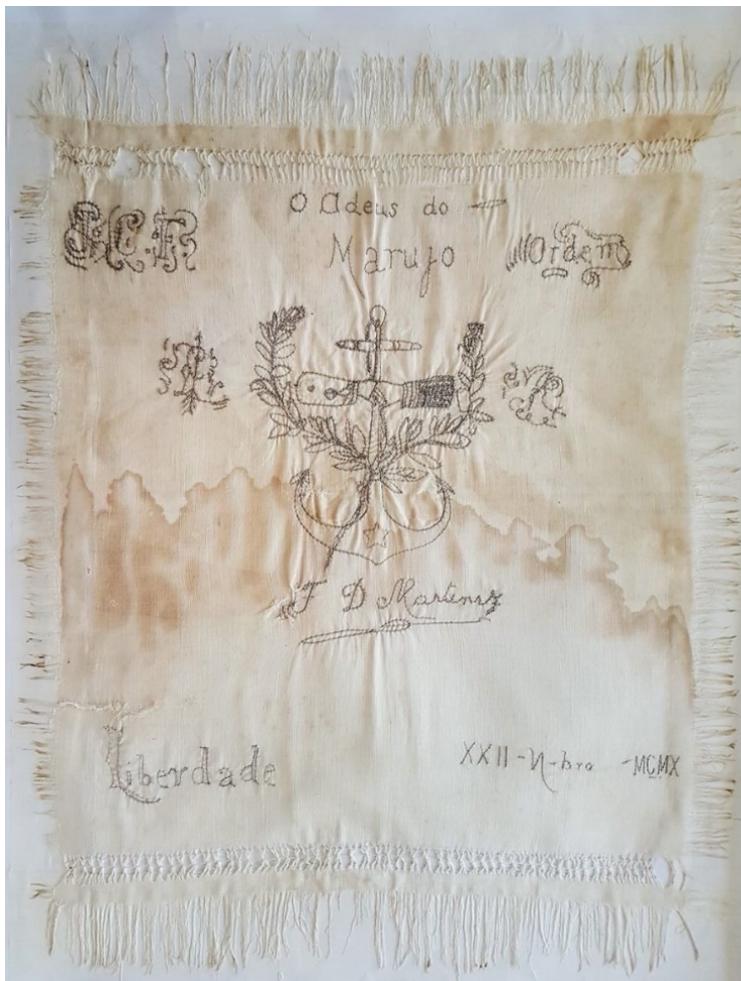
Fonte: <https://www.jornaldaslajes.com.br/integra/o-restauro-pela-ufsj-dos-bordados-de-joao-candido-lider-da-revolta-da-chibata/3457>.

Após a tragédia, a cela foi limpa, os corpos de seus amigos retirados e João foi encarcerado novamente. Durante o período entre os dias 24 de dezembro de 1910 e 18 de abril de 1911 (Carvalho, 1995), o Almirante produziu duas peças de bordado, pequenas toalhas intituladas "Âmor (sic)" (Figura 2) e "O Adeus do Marujo" (Figura 3), que relatam a desesperança e as perdas vividas diante do abandono e do descaso, quando acusado injustamente pela segunda revolta.

As peças bordadas encontram-se no Museu Municipal Tomé Portes del-Rei, na cidade de São João del-Rei, doadas por Antônio Manuel de Sousa Guerra. Antônio Guerra, assim conhecido, foi praça do 51º Batalhão de Caçadores de São João del-Rei, durante a Revolta dos Marinheiros e policiou a cidade do Rio de Janeiro, sendo encarregado da guarda dos presos envolvidos com a Revolta da Chibata, encarcerados na Ilha das Cobras. Entre os presos estava João Cândido. Antonio Guerra, levava jornais para João Cândido ler, às escondidas, e recebeu em troca as duas toalhinhas bordadas (Sacramento, 2006).

<sup>3</sup> "A peça é do tamanho de uma toalha de rosto. O bordado está na horizontal. No alto estão duas pombas segurando, pelo bico, uma faixa que traz a inscrição 'Amôr' (sic). Abaixo, há um coração atravessado por uma espada, de onde jorram gotas de sangue. Dos lados do coração existem flores, algumas borboletas e um beija-flor. Nem nomes e nem datas" (Sacramento, 2006, p. 2).

Figura 3: João Cândido. O Adeus do Marujo, c. 1910-1911. Coleção [collection]: Museu Municipal Tomé Portes del Rei, São João del Rei, MG.<sup>4</sup>



Fonte: <https://www.jornaldaslajes.com.br/integra/o-restauro-pela-ufsj-dos-bordados-de-joao-candido-lider-da-revolta-da-chibata/3457>.

## 2. A técnica do bordado e o Projeto "Histórias Bordadas" (2022)

A história do bordado data do período pré-histórico, quando fragmentos de ossos, linhas rústicas e outros materiais foram utilizados como forma de emendar pedaços de couro e pele animal (Rosa, 2019). No Brasil e no mundo, a partir do Renascimento, essa atividade manual caracteriza-se pela dimensão doméstica e feminina (Veríssimo, 2022), aprendida de mãe para filha ou até mesmo dentro de escolas só para meninas (Pereira e Trinchão, 2021). A técnica foi trazida para o Brasil pelos imigrantes italianos, e provavelmente apresentava alguns pontos ainda hoje comuns, como o ponto cruz (Mittmann e Rosa, 2021). Neste, os pontos são bem fechados no formato em X e podem ser utilizados em vários tipos de tecidos.

<sup>4</sup> "Na parte de cima, do lado esquerdo, estão bordadas as letras JCF, as iniciais de João Cândido Felisberto. No centro, em cima, o título O adeus do Marujo. À direita a palavra 'Ordem'. No centro da toalha, duas mãos bordadas se cumprimentam sobre uma âncora e dois ramos que parecem ser de café e tabaco. Uma das mangas é branca e tem no pulso botões e galões de almirante, a outra é de simples marinheiro. Abaixo da âncora, o nome F. D. Martins, uma possível referência a Francisco Dias Martins, colega de João Cândido e comandante rebelde do navio Bahia, tido como um dos cérebros da 'Revolta da Chibata'. Embaixo, do lado esquerdo, a palavra 'Liberdade', do lado direito a data 'XXII de novembro de MCMX', o 'dia D' da revolta" (Sacramento, 2006, p. 2).

Um estudo feito por Calda *et al.* (2015) sobre um mostruário de pontos de bordado terminou dividindo-o em oito categorias diferentes: pontos de contorno, pontos chatos, pontos laçados, pontos de cadeia, pontos de nó, pontos de cobertura, pontos compostos, pontos bainhas abertas.

Nos bordados de João Cândido é difícil apontar com exatidão quais técnicas foram empregadas, mas podemos observar o provável uso de pontos chatos, como o ponto reto (Figura 4), para formar os desenhos dos pássaros, letras, âncora e coração. Esse ponto é versátil, pois não tem necessariamente um tamanho correto e pode ser misturado com diferentes posições e proporções de ponto.

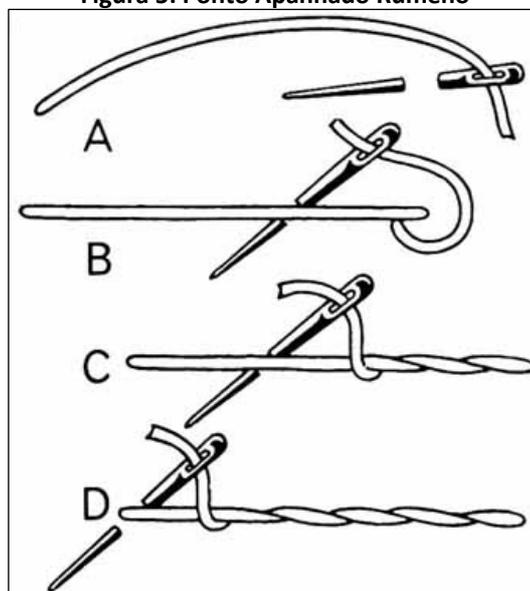
**Figura 4: Ponto Reto**



Fonte: <https://atelierosicomti.blogspot.com/2011/10/bordado-em-ponto-reto.html?spref=pi>.

Também podemos estimar o uso de pontos de nó, usados para dar textura às asas das pombas e às pontas da âncora ou pontos de cobertura, que preenchem essas formas, como o ponto apanhado rumeno (Figura 5).

**Figura 5: Ponto Apanhado Rumeno**



Fonte: (COATS CRAFTS BRASIL, s.d., p.32)

Os materiais utilizados no processo de bordar podem produzir resultados diferentes dependendo de suas particularidades. O tecido, no caso do marinheiro e de muitos outros, pode ser visto como o veículo da mensagem a ser passada, a superfície a ser modificada. Os tecidos mais leves exigem delicadeza e habilidade do bordador, de forma que o material não enrugue com as linhas, enquanto os de maior gramatura facilitam a firmeza dos pontos. A trama pode ser mais aberta ou mais fechada, permitindo ou não o uso de linhas de diferentes espessuras. Linhas grossas geram acabamentos de grande impacto visual e compõem um grande volume e textura. As mais finas permitem um detalhamento maior na composição, mas exigem mais tempo para preencher a superfície. A estrutura da linha pode ser de um ou mais fios, torcidos com diferentes forças, dependendo do tipo de bordado a ser feito com ela.

No estudo de Calda et al. (2015), as linhas indicadas foram Anchor Mouliné, composta por seis fios torcidos frouxamente e podendo ser usada na grande maioria dos bordados, as linhas Anchor Torçal Pérola e Perlé, também torcidas frouxamente e ideais para uso em tecidos leves, e a Anchor Torçal Suave, de acabamento fosco e própria para tecidos mais grossos. Alguns bordados podem exigir o uso de bastidores. Essa peça consiste em dois aros, feitos de madeira, plástico ou metal, que, quando fixados da maneira correta, aplicam tensão no tecido, facilitando o trabalho do bordador. As agulhas próprias também podem acelerar o processo, dando praticidade e precisão.

Assim, caracterizando o bordar pelo uso de diferentes materiais têxteis e técnicas para constituir ou modificar uma dada superfície, aproximamos essa atividade do design de superfícies, capaz de expressão e de manifestações culturais, na medida em que “essa troca é o aspecto de comunicação da superfície” (Schwartz, 2008, apud Silva e Menezes, 2021, p. 11). Soares e Cunico (2019) reiteram a capacidade de comunicação da peça bordada, contendo palavras ou não, na medida em que reproduz características e valores culturais do grupo social no qual está inserido. “Ou seja, só é possível pensar o design dentro de uma cultura projetual, uma vez que a linguagem e seus artifícios, com raízes na coletividade, são as verdadeiras ferramentas utilizadas para a sua criação” (Held, 2021, p. 17).

O leitor, à medida que entra em contato com o design de superfície, traz consigo uma bagagem sociocultural que influenciará sua compreensão do produto, podendo produzir ou não o feito esperado pelo designer. Nas palavras de Silva e Menezes (2021, p. 11): “a abordagem relacional está nas relações entre o objeto, o sujeito e o meio, como informação perceptiva, uma interface entre dois meios. O papel do usuário está na interação entre a superfície e o meio onde ela se insere”.

Entende-se que outra questão relevante é a cultura do bordado, articulada à construção do papel feminino na sociedade, como uma ferramenta política que, ao longo da história, deu voz à minoria feminina, transformando as mulheres à margem da sociedade em cidadãs produtivas (Mittimann e Rosa, 2019). Neste contexto cultural, o estranhamento de encontrar um homem que dominava a habilidade do bordado – a autoria do Almirante Negro nas produções das peças – permaneceu como pergunta desde o início desta pesquisa. Mas, para Jeha (2011), a explicação estava justamente por conta da baixa patente dos manheiros, que aprendiam a função para realizarem os reparos nos uniformes e/ou insígnias a serem bordadas na falta de mulheres a bordo, já que o conhecimento de usar linhas, adereços e agulhas para formar padrões em tecidos na década de 1910 era feminino.

Assim, problematizando o bordado como conhecimento técnico, apresentamos o

projeto de livro “Histórias Bordadas” (2022)<sup>5</sup>, desenvolvido pela Secretaria de Cultura de São João del-Rei. A proposta realizada pelo Instituto Histórico e Geográfico, em parceria com o museu, que guarda os bordados do Almirante Negro, promoveu uma ação extensionista na qual bordadeiras da terceira idade da região puderam conhecer a história de João Cândido e, em seguida, construir um livro de tecido, bordado com textos e desenhos (Figuras 6 e 7).

**Figura 6: Processo do bordado para o livro-bordado.**



Fonte: Elaborado por Maria Lúcia Monteiro Guimarães e Paulo Lima.

Essa proposta significativamente aproximou o grupo de senhoras bordadeiras da história regional do marinheiro preto, ambos marginalizados e esquecidos. Com o bordado, observa-se um exercício de poder e manipulação, seja para a possibilidade de trabalho e independência financeira ou para a expressão das dores e injustiças pessoais. O projeto social ainda serve como recuperação da história da Revolta e de João Cândido, visando a visibilidade do almirante preto que, até sua morte, não teve a importância e grandiosidade reconhecidas. No contexto deste texto, coloca-se o bordado em evidência, ainda que tenha sido uma manualidade menosprezada historicamente considerada feminina, e, portanto, social e

<sup>5</sup> "O projeto foi coordenado pela professora Maria Lúcia Monteiro Guimarães – conhecida como Lucinha – e pelo professor e presidente do Instituto, Paulo Lima. São aproximadamente 12 pessoas envolvidas nas produções que usam o bordado como uma ferramenta para contar e marcar as histórias são-joanenses" (ACHIVER e SOUSA, 2023).

culturalmente menosprezada.

O livro é um grande exemplo da capacidade de comunicação da superfície (Schwartz, 2008, apud Silva e Menezes, 2021, p. 11), tendo em vista que o bordado de João Cândido como um manifesto político inspirou essas mulheres a usarem suas próprias técnicas e procedimentos para escreverem suas apreensões a partir da narrativa histórica e a possibilidade de representação da luta de minorias. As bordadeiras conheceram as peças originais, hoje guardadas no Museu Municipal Thomé Portes d'El-Rei, para observarem as técnicas utilizadas pelo Almirante Negro e conhecerem sua história de vida, assim como o contexto histórico da Revolta da Chibata. O processo foi processual e coletivo, compartilhando saberes e experiências distintas.

Figura 7: Livro-bordado montado



Fonte: Elaborado por Maria Lúcia Monteiro Guimarães e Paulo Lima.

O livro bordado (Figura 7) é feito em formato de caixa, em tecido branco, provavelmente de algodão. As páginas contam sobre o marinheiro com desenhos e frases, ambos bordados inteiramente à mão. As linhas utilizadas eram próprias para a técnica de bordar e foram usadas cores fortes, como o vermelho, o verde, o cinza, o preto, o azul e o amarelo. Pespontos fazem os acabamentos das bordas, e miçangas azuis foram utilizadas na borda da caixa como possibilidade de fechos.

A partir desse projeto foi produzida uma revista com fotografias do processo e resultado final, posteriormente distribuída como registro de um esforço de extensão social que visa compartilhar e divulgar a história de figuras nacionais. Todo o esforço do Instituto Histórico e Geográfico, junto às bordadeiras, foi um marco significativo para a valorização das manualidades artesanais e para a manutenção de objetos históricos como os de autoria do Almirante.

### 3. Considerações Finais

Por fim, assumindo o objetivo do texto de contextualizar a dimensão sociocultural do bordado, retomamos Cintra e Mesquita (2021), ao tratar a resistência de trabalhos manuais, como o bordado, na construção subjetiva do/a autor/a. E Gomes (2019), quando afirma que o ato da "escrita de si" (Foucault, 1992) não envolve apenas qualidades do autor, mas valida/formaliza a sociedade e seu contexto histórico-cultural. Assim, consideramos o bordado de João Cândido como um manifesto, um questionamento crítico, que apresenta a ambiguidade de sentimentos, observados por Jeha (2011) em "Âmor (sic)" (Figura 2) e em "O Adeus do Marujo" (Figura 3).

A rebeldia não se opõe ao patriotismo. O marinheiro mesmo resistindo à opressão incorporaria os símbolos da pátria, como fez João Cândido. Vivendo sob condições precárias nos navios aos quais serviu, ele se tornou um dos líderes da revolta que, além de liberdade, não prescindiam da ordem e, especialmente, no caso dele, de um aparente amor à profissão e à instituição (Jeha, 2011, p. 220).

Pereira (2019, p. 19) também descreve essa possibilidade de escrita do bordado com a frase: "O bordado é nosso dispositivo que faz falar e não quer calar (...)". Assim, considerando a materialidade do bordado utilizada por João Cândido para se manifestar, observamos um certo distanciamento das funções técnicas e de uso do design para aproximar-se da produção simbólica crítica, característica do campo das Artes.

A escrita-bordado de João Cândido acaba por gerar um objeto não vestível, no qual as figuras, palavras e frases do marinheiro expressam e desvelam a personalidade pouco conhecida do "homem que acreditava e trabalhava por sua pátria e por ela foi injustiçado e revogado de seus direitos como cidadão" (Morel, 2009, p. 81). Também subverte a normalização cultural, quando o marinheiro passa a bordar, como reação ao vivido. Um protesto contra o governo que não o aceita como cidadão, o trata como carcerário injustamente, e uma profunda tristeza pela perda de seus colegas.

Essa dimensão da escrita-bordado manifesta-se também na produção do livro bordado, no projeto "Histórias Bordadas" (2022), sobre a história de João Cândido, pois reforça a história pessoal contada pelo Almirante Negro sobre um importante período histórico brasileiro. As mulheres bordam e narram suas próprias perspectivas dos fatos, reafirmando a potência da manualidade do bordado, como recurso discursivo/narrativo, infelizmente, muitas vezes desvalorizada socialmente. Da mesma forma, o projeto contribuiu para a visibilidade de João Cândido como figura nacional e para a humanização do marinheiro fiel.

### Referências

ACHIVER, Ingrid; SOUSA, Maiara. **Almanaque digital e livro bordado registram a história e a memória de São João Del-Rei**. 2023. Disponível em <<https://noticiasdelrei.com/2023/09/27/almanaque-digital-e-livro-bordado-registram-a-historia-e-a-memoria-de-sao-joao-del-rei/>>. Acesso em 24 ago. 2025.

CALDA, Artemisia L.; LOPES, Humberto Pinheiro; SOUZA, Monique C.; MATOS, Cynthia H. S. Mostuário de pontos de bordado: instrumento didático e produto comercial. In **Anais do Congresso Internacional de Negócios da Moda**, Porto, Portugal, 2015. p. 82-92.

CARVALHO, José Murilo. Os bordados de João Cândido. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, vol. 2, no. 2, p. 68-84, jul.-out. 1995.

CINTRA, Fernanda; MESQUITA, Cristiane. Design, bordado e resistência: entre Zuzu Angel e Linhas de Sampa. **DAPesquisa**, Florianópolis, vol. 16, p. 1-26, junho de 2021. Disponível em

<<https://periodicos.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/19386>>. Acesso em 10 ago. 2024.

COATS CRAFTS BRASIL. **100 Pontos de Bordado**, s.d. Disponível em <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/12844137/100-pontos-de-bordado-coats-crafts-brasil>>. Acesso em 24 ago. 2025.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992. p. 129- 160.

GOMES, Adriana. **Bordar a si**: uma análise sobre o fazer artístico nas obras de Pedro Luís. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

HELD, Maria Silva Barros. O Objeto Artístico, o Objeto Artesanal e o Objeto do Design. **Revista de ensino em Artes, Moda e Design**. vol. 5, no. 2, p. 1280-150, 2021. Disponível em <<https://revistas.udesc.br/index.php/ensinarmode/article/view/19854>>. Acesso em 10 ago. 2024.

JEHA, Silvana Cassab. **A Galera heterogênea**. Naturalidade, trajetória e cultura dos recrutas e marinheiros da Armada Nacional e Imperial do Brasil, c.1822-c.1854. 2011. Tese (Doutorado em História Social da Cultura), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, Rio de Janeiro, 2011.

MITTMANN, Solange; ROSA Marilane. A Resistência Feminina Pelo Bordado. **Revista Leitura**, Maceió, no. 69, p.122-132, junho 2021. Disponível em <<https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/9705>>. Acesso em 10 ago. 2024.

MOREL, Edmar. **A Revolta da Chibata**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

PEREIRA, Carolina; TRINCHÃO, Gláucia. O bordado como ferramenta educacional no Brasil entre os séculos XIX e XX. **Revista História da Educação**, vol. 25, 2021.

PEREIRA, Kelcy Mary Ferreira. **Bordazul – bordado e cuidado**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Alagoas. 2019. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Maceió, 2019.

REVISTA INSURGÊNCIA. **Manifesto-revolta da chibata (1910)**. Brasília, vol.5, no.2, p. 224-225, 2019.

ROSA, Lorena de Souza. **Bordado e resistência: A prática tradicional como potência para a autonomia feminina**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Artes Visuais), Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

SACRAMENTO, José Antônio de Ávila. Os bordados de João Cândido. **Jornal de Minas**, São João del-Rei, ano IV, no. 64, 08 a 15 de fevereiro de 2006.

SILVA, Márcia; MENEZES, Marizilda. Design de superfícies: compreendendo a especialidade do design. **Transverso**, no. 9, p. 9–17, 2021.

SOARES, Monike Genuino; CUNICO, Letícia. Ode à identidade: o design de superfície como interface entre indivíduo-leitor e símbolos. **Educação Gráfica**, no. 2, p. 274-291, agosto de 2019. Disponível em <[https://www.educacaografica.inf.br/download-do-artigo/?artigo\\_id=3073](https://www.educacaografica.inf.br/download-do-artigo/?artigo_id=3073)>. Acesso em 10 ago. 2024.

VERÍSSIMO, Caroline Araújo. **Linhas de resistência**: o bordado como expressão feminista na arte. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Artes Visuais), Departamento de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.